

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

DAIANE MATOS DOS SANTOS

**O DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E O PROCESSO DE
INTERNALIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Porto Alegre

2010

DAIANE MATOS DOS SANTOS

**O DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E O PROCESSO DE
INTERNALIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para
obtenção de grau de Licenciada em
Pedagogia pela Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FACHED/UFRGS.

Orientador: Profa. Ms. Gabriela Brabo

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora de Graduação: Profa. Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Agradecimento**S**

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida.

Agradeço a toda minha família, pai, mãe, irmão e esposo, em especial a minha mãe, que não mediu esforços para me auxiliar nesta longa jornada em busca do conhecimento. Pela paciência e compreensão que tiveram durante os momentos que não pude estar presente.

À professora Gabriela e à tutora Graciela, que sempre estiveram ao meu lado me auxiliando no que fosse necessário, durante o estágio e o trabalho de conclusão do curso.

Aos demais professores e tutores que estiveram comigo durante todo o curso, sempre dispostos a ajudar, seja virtual ou presencialmente.

Aos colegas da Escola de Educação Especial João de Barro – APAE que sempre me apoiaram e me incentivaram nesta caminhada.

A todos os amigos que de uma forma ou de outra contribuíram para que eu conquistasse mais este desafio.

Meu muito obrigado a todos!

RESUMO

O presente trabalho descreve a pesquisa realizada a partir da prática desenvolvida no estágio curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia, modalidade a distância, junto à turma de Ciclo II da Escola de Educação Especial João de Barro – APAE de Três Cachoeiras. O estudo partiu da seguinte questão: quais estratégias pedagógicas podem ser desenvolvidas para propiciar o processo de internalização de alunos com deficiência intelectual? Para responder a essa questão, foram formulados como objetivos: compreender em que consiste o processo de internalização de conceitos em alunos com deficiência intelectual; conhecer como ocorre o processo de aprendizagem segundo a teoria sociointeracionista; analisar e estabelecer estratégias pedagógicas que facilitem o processo de internalização e memorização nesses alunos; analisar e compreender a ação mediadora do professor no referido processo. Uma vez que se compreenda o processo de internalização e memorização do aluno com necessidades educacionais especiais, o professor poderá pensar em estratégias eficazes para conduzir sua prática pedagógica. O referencial teórico que dá suporte a esta pesquisa é a abordagem sociointeracionista de Lev Semionovich Vygotsky, que parte da premissa de que a ação mediadora do professor e de colegas mais experientes é fundamental para que o aluno com deficiência intelectual se aproprie do conhecimento (o que ocorre pelo processo de internalização que, segundo o mencionado autor, seria a reconstrução interna de uma operação externa). Assim, o estudo se apoiou em conceitos vygotkianos, como por exemplo, internalização, mediação, zona de desenvolvimento proximal, memória etc. e, principalmente, na forma particular como o autor percebia o sujeito com deficiência e seu processo de aprendizagem. A pesquisa configurou-se em qualitativa, apresentando como instrumentos metodológicos a observação participante e o diário de campo, bem como a análise de documentos utilizados durante o estágio, tais como o diário de bordo, o planejamento pedagógico, o projeto de aprendizagem, os relatórios semanais etc. Os sujeitos totalizaram em quatro alunos, sendo três do sexo masculino e uma do sexo feminino, na faixa etária de 11 a 14 anos, todos apresentando deficiência intelectual. A partir da análise de todos esses elementos, chegou-se a várias considerações a respeito do processo de internalização e memorização do aluno com deficiência intelectual. Basicamente, constatou-se que é por meio das relações sociais que o indivíduo se constitui como membro autônomo da espécie humana, não havendo distinções entre esse aluno e os demais, senão pelo fato de ele ter um histórico de preconceito de uma sociedade voltada para as pessoas que não possuem deficiência alguma. Assim, dentre as práticas pedagógicas desenvolvidas visando à internalização, destacam-se as seguintes: adiantar-se sempre ao desenvolvimento do aluno, atuando em sua zona de desenvolvimento proximal; estimular as atividades compartilhadas, pois promovem a interação, cooperação, afetividade etc.; desenvolver atividades que sejam contextualizadas e significativas para os alunos, ou seja, realizadas dentro de suas expectativas, principalmente se utilizarem o lúdico e estimularem a curiosidade e o desejo de aprender.

Palavras-chave: Deficiência Intelectual. Zona de Desenvolvimento Proximal. Internalização. Memória.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 REFERENCIAL TEÓRICO	9
1.1 DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.....	10
1.2 ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL	12
1.3 INTERNALIZAÇÃO	14
1.4 MEMÓRIA	16
2 DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA	19
2.1 ESPAÇO DA PESQUISA.....	20
2.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	22
2.3 PERCURSO DA PESQUISA.....	23
3 ANÁLISE DOS DADOS	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo análise e reflexão da prática de estágio curricular, realizada na Escola de Educação Especial João de Barro, mantida pela APAE de Três Cachoeiras no período de doze de abril até onze de junho do ano de 2010. O mesmo foi realizado com os alunos do Ciclo II do Ensino Fundamental, cuja faixa etária vai de onze a quatorze anos.

Em março de 2004, comecei a trabalhar na referida escola como secretária, função que desempenho até o presente momento, porém, a partir do início do curso de Pedagogia, procurei acompanhar de forma mais detalhada o trabalho desenvolvido pelos professores da entidade, trabalho este que já admirava antes mesmo de ingressar nesse curso. No entanto, somente pude me aprofundar quando passei a aplicar determinadas atividades sugeridas por algumas interdisciplinas, contando sempre com o apoio das colegas de trabalho, bem como de toda a equipe diretiva, que sempre permitiu meu acompanhamento nas turmas.

Minha formação do Ensino Médio não esteve voltada para área da educação, e por este motivo, pensei que o desafio seria ainda maior ao ingressar nessa graduação. Ao longo do curso, meu interesse cresceu e, mesmo ciente da responsabilidade que isso representava, nunca desanimei; pelo contrário, quanto mais me aproximava dos alunos, mais motivação encontrava para continuar com os estudos.

Foi durante a realização do estágio que pude ter uma prática realmente efetiva com os alunos, me desligando meio período das funções na secretaria para me dedicar exclusivamente à sala de aula. Durante esse período, pude me interar das características mais particulares da cada aluno, quer no campo afetivo, quer no campo pedagógico. Estabelecemos um bom relacionamento desde o início do estágio, que perdurou sem que houvesse grandes conflitos, apenas alguns momentos de intervenção que foram facilmente superados.

No decorrer do estágio pude perceber que com relação a aspectos pedagógicos, os alunos, de forma geral, tinham dificuldades para fixar determinados conceitos. Em um primeiro momento, pareciam já estar internalizados, mas passado algum tempo, eram facilmente esquecidos. Também me chamou a atenção o fato de que atividades realizadas há bastante tempo, mas que foram realizadas de forma

diferenciada, se tornavam marcantes para os alunos, pois através dos relatos dos mesmos, verifiquei significativas aprendizagens ocorridas a partir de atividades concretas realizadas por eles. Por este motivo, procurei desenvolver atividades mais diversificadas possíveis que contemplassem diversas áreas do conhecimento de forma mais prazerosa, visando mesclar os interesses dos alunos aos conceitos envolvidos.

Sabemos que os alunos com deficiência intelectual possuem dificuldades para internalizar e/ou memorizar conceitos, devido ao seu comprometimento na área cognitiva. Por essa razão, pude compreender que as aulas desenvolvidas para esses alunos não podem ser fragmentadas, mas, pelo contrário, multidisciplinares, pois assim podem facilitar sua aprendizagem e seu desenvolvimento.

Para auxiliar minha prática, busquei subsídios na teoria sociointeracionista de Lev Semionovich Vygotsky, que nos ajuda a compreender como se dá o processo de aprendizagem do ser humano, destacando as relações sociais, a troca com o outro, a partir das experiências do outro e do importante papel do professor neste processo, exigindo dele uma postura mediadora, na qual as relações aconteçam muitas vezes de forma intencional.

Neste sentido, minhas inquietações estiveram relacionadas com o processo de internalização dos alunos com deficiência intelectual. A partir destas inquietações, minha questão central ficou assim definida: **Quais estratégias pedagógicas podem ser desenvolvidas para propiciar o processo de internalização de alunos com deficiência intelectual?**

Tendo como objetivos:

- Compreender como ocorre o processo de internalização de conceitos;
- Conhecer como ocorre o processo de aprendizagem segundo a teoria sociointeracionista;
- Analisar e estabelecer estratégias pedagógicas que facilitem o processo de internalização e memorização;
- Analisar e compreender a ação mediadora do professor.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme já citado anteriormente, durante a realização do estágio curricular foi necessário buscar subsídios em uma teoria que pudesse dar suporte às práticas pedagógicas pretendidas. Neste sentido, a teoria sociointeracionista de Lev Semenovich Vygotsky foi a escolhida, pois acreditava que ela poderia melhor embasar um trabalho desenvolvido com pessoas com deficiência intelectual.

Foi de suma importância me aprofundar na biografia desse autor. Para tanto, trago as informações que a Revista Nova Escola, em sua edição especial de outubro de 2008, nos diz o seguinte:

Lev Semenovich Vygotsky nasceu em 1896 em Orsha, pequena cidade perto de Minsk, a capital da Bielo-Rússia, região então dominada pela Rússia (e que só se tornou independente em 1991, com a desintegração da União Soviética, adotando o nome de Belarus). Seus pais eram de uma família judaica culta e com boas condições econômicas, o que permitiu a Vygotsky uma formação sólida desde criança. Ele teve um tutor particular até entrar no curso secundário e se dedicou desde cedo a muitas leituras. Aos 18 anos, matriculou-se no curso de medicina em Moscou, mas acabou cursando a faculdade de direito. Formado, voltou a Gomel, na Bielo-Rússia, em 1917, ano da revolução bolchevique, que ele apoiou. Lecionou literatura, estética e história da arte e fundou um laboratório de psicologia – área em que rapidamente ganhou destaque, graças a sua cultura enciclopédica, seu pensamento inovador e sua intensa atividade, tendo produzido mais de 200 trabalhos científicos. Em 1925, já sofrendo da tuberculose que o mataria em 1934, publicou *A Psicologia da Arte*, um estudo sobre Hamlet, de William Shakespeare, cuja origem é sua tese de mestrado.

O psicólogo bielo-russo Lev Vygotsky (1896-1934) morreu há 74 anos, mas sua obra ainda está em pleno processo de descoberta e debate em vários pontos do mundo, incluindo o Brasil. "Ele foi um pensador complexo e tocou em muitos pontos nevrálgicos da pedagogia contemporânea", diz Teresa Rego, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Ela ressalta, como exemplo, os pontos de contato entre os estudos de Vygotsky sobre a linguagem escrita e o trabalho da argentina Emilia Ferreiro, a mais influente dos educadores vivos.

A parte mais conhecida da extensa obra produzida por Vygotsky em seu curto tempo de vida converge para o tema da criação da cultura. Aos educadores interessa em particular os estudos sobre desenvolvimento intelectual. Vygotsky atribuía um papel preponderante às relações sociais nesse processo, tanto que a corrente pedagógica que se originou de seu pensamento é chamada de [...] sociointeracionismo.

Segundo dados da referida revista, para Vygotsky, todo aprendizado é necessariamente mediado, o que torna o papel do ensino e do professor mais ativo e determinante do que o previsto por outros pensadores da educação, para quem a escola apenas facilita um processo que é conduzido pelo próprio aluno. Vygotsky, ao contrário, afirma que o primeiro contato da criança com novas atividades, habilidades ou informações deve ter a participação de um adulto.

Da mesma forma que Piaget, Vygotsky não formulou propriamente uma teoria pedagógica, embora seu pensamento, com ênfase no aprendizado, ressalte a importância da instituição escolar na formação do conhecimento. Para ele, a intervenção pedagógica provoca avanços que não ocorreriam de maneira espontânea. Ao formular o conceito de zona proximal, Vygotsky mostrou que o bom ensino é aquele que estimula a criança a se adiantar a um nível de compreensão e habilidade que ainda não domina completamente, "puxando" dela um novo conhecimento. Assim, ele considerava ainda que todo aprendizado amplia o universo mental do aluno. O ensino de um novo conteúdo não se resume à aquisição de uma habilidade ou de um conjunto de informações, mas amplia as estruturas cognitivas da criança. Por exemplo, com o domínio da escrita, o aluno adquire também capacidades de reflexão e controle do próprio funcionamento psicológico.

1.1 DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Segundo Facci e Brandão (2007), uma criança deficiente é vista, geralmente como alguém que apresenta déficit, passando no decorrer de sua vida, por momentos significativos em que é avaliada pelas suas dificuldades. Vygotsky e Luria (apud FACCI e BRANDÃO, 2007) compreendem que essa seria uma concepção limitada às características negativas da criança deficiente, em detrimento do mais essencial, que seriam suas características positivas, as quais se manifestam na capacidade de compensar as dificuldades, por meio do desenvolvimento de caminhos novos e diferentes. Dentro dessa perspectiva, podemos pensar que a pessoa com deficiência, diante de suas limitações, sejam elas motoras, intelectuais, neurológicas, emocionais ou sensoriais, cria meios, ou melhor, alternativas para conviver com as outras pessoas sem deficiência.

Facci e Brandão (2007) referem que a Psicologia Histórico-Cultural possibilita o deslocamento do olhar dos impedimentos ou impossibilidades da pessoa com deficiência para o olhar que abre a perspectiva de reconhecimento das potencialidades, capacidades e superação. Tal afirmação nos leva a acreditar que ao desviar o olhar dos impedimentos ou limitações da pessoa com deficiência, não significa negar a existência destes impedimentos, mas conseguir visualizar e acreditar nas habilidades dessas pessoas, ou seja, ser capaz de perceber que a pessoa com deficiência possui limitações, mas também potencialidades, que muitas vezes podem ser até superiores às de pessoas ditas normais. Para isso, devemos também buscar desenvolver as áreas em que ela apresenta maior dificuldade, assim como acontece no desenvolvimento de qualquer ser humano.

Vygotsky e Luria (apud FACCI e BRANDÃO, 2007) colocam que a criança com deficiência intelectual pode ter os mesmos talentos naturais de crianças normais, mas não saber como utilizá-los. “A diferença está apenas no fato de que uma criança normal utiliza racionalmente suas funções naturais e, quanto mais progride, mais é capaz de imaginar dispositivos culturais apropriados para ajudar sua memória” (VYGOTSKY e LURIA, apud FACCI e BRANDÃO, 2007, p. 04). Para estes autores, portanto, o que diferencia a criança com deficiência intelectual da criança normal é a capacidade de utilizar os mediadores culturais, criados pelos homens.

Como podemos observar, através das afirmações acima descritas, devemos considerar, então, de que forma podemos ajudar a criança com deficiência intelectual no desenvolvimento e utilização seus talentos naturais. Dessa forma, é possível pensar em um processo que não se limita às condições de um indivíduo (normal ou com deficiência), mas em ações voltadas ao incentivo do desenvolvimento das capacidades a serem adquiridas por meio da mediação nas relações sociais. Vygotsky e Luria (apud FACCI e BRANDÃO, 2007) dizem o seguinte:

As ideias que compõem o pensamento humano são interiorizadas durante a atividade social e seu conteúdo depende do momento histórico, da condição material de produção da vida e da cultura vigente. Aqui, estaria a especificidade de toda educação escolar, cuja a ênfase é a proposição de práticas pedagógicas que busquem o desenvolvimento da formação social da mente, independentemente do aluno ter ou não uma deficiência (p. 5).

Para Vygotsky (apud BENITES e FICHTNER, 2009), não existe nenhuma criança deficiente, mas criança com deficiência. Penso que ao dizer isso, o autor quer nos alertar de que nenhuma pessoa pode ser considerada por completo deficiente, pois mesmo tendo limitação em determinada área, pode desenvolver habilidades em outras. Então, ao nos referirmos a alguém como deficiente, podemos estar nos remetendo a ideia errônea de que ele seja incapaz, inferior, sendo que, no entanto, ele apenas possui alguma dificuldade em determinada área.

Dentro de uma visão Vygotskyana, penso que para a pessoa com deficiência, mais difícil que suas próprias limitações, seja conviver em uma sociedade onde os espaços são pensados e planejados para indivíduos que não possuem deficiência privando, dessa forma, os direitos de ir vir dessas pessoas. O preconceito e a falta de informação por parte da maioria da sociedade faz com que a vida da pessoa com deficiência seja vista como um fardo, sendo que de acordo com Vygotsky (apud BENITES e FICHTNER, 2009) elas deveriam ser vistas simplesmente como pessoas normais com processos mentais funcionando em um nível mais baixo.

1.2 ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL

Tendo em vista que para Vygotsky o desenvolvimento humano depende das relações que este estabelece com o outro e com o meio, devemos sempre partir da ideia de que estas informações não são absorvidas diretamente do meio, são sempre intermediadas pelas pessoas que cercam um indivíduo desde o seu nascimento.

Segundo Vygotsky, a definição deste conceito deve considerar que cada indivíduo apresenta um nível de desenvolvimento real, sendo aqui compreendido por aquilo que o sujeito já consegue realizar sozinho, sem necessitar de ninguém, e um nível de desenvolvimento potencial, caracterizado por aquilo que o sujeito ainda não consegue fazer sozinho, mas que com o auxílio de alguém mais experiente, é capaz de realizar. Entre estes dois níveis situa-se a zona de desenvolvimento próximo, ou seja, ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial, ou ainda, o percurso a ser feito entre o que o sujeito já domina e aquilo que está em processo de consolidação.

Dentro dessa perspectiva, penso que ao trabalharmos com nossos alunos, é de fundamental importância que tenhamos em mente, ou melhor, que saibamos

fazer com que nossos alunos nos mostrem aquilo que já sabem e aquilo que ainda não realizam sozinhos. Para isso, temos que apresentar condições para que esses alunos apresentem seus saberes, exponham o que estão pensando, como estão pensando. Contudo, convém ressaltar que este processo deve ser o mais natural possível, sem que o aluno se sinta obrigado a isso.

Durante o estágio, a utilização desse conceito foi peça importante, quer no planejamento, quer na avaliação, pois permitia pensar em estratégias que buscassem trabalhar justamente nesta área, fazendo o aluno avançar em seus conhecimentos. Isso significa que o foco em mente era fazer com que o aluno desenvolvesse aquilo que ainda não domina. Em se tratando de pessoas com deficiência, consiste em não apenas apostar em outras áreas que não apresentem dificuldades, para que de certa forma, compense aquelas menos desenvolvidas. Pelo contrário, a questão é conhecer a realidade do aluno, aqui compreendida por suas vivências, sua cultura, o ambiente onde está inserido, pois é através das relações sociais, que o indivíduo se constitui enquanto pessoa, e por isso seu modo de pensar e agir dependerá destas relações. Desse modo, quando conseguimos conhecer a realidade do aluno, como este está se constituindo, podemos mediar os conceitos que ele ainda não domina, ou que ainda está em processo de construção.

Vygotsky (apud FITTIPALDI, 2006, p. 51) salienta que o “desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores ocorre a partir da relação homem / mundo, relação esta que não é direta, mas mediada por instrumentos e signos desenvolvidos culturalmente”.

De acordo com essa ótica, Oliveira (apud FITTIPALDI, 2006) explica:

Para Vygotsky, os instrumentos funcionam como fatores externos no desenvolvimento cognitivo, auxiliando na transformação e controle da natureza, regulando as ações sobre os objetos. O homem produz instrumentos para realizar determinadas tarefas e ainda é capaz de guardá-los para usá-los posteriormente, bem como de transmitir sua função a outros. Existem também os instrumentos que atuam como fatores internos - os signos - que regulam as ações das pessoas, sendo representantes mentais de objetos, situações, eventos etc. (p. 51).

Sendo assim, a concepção de real é constituída a partir da relação do homem com o meio, mediado pelos instrumentos e signos. Dentro desta perspectiva, podemos dizer que para Vygotsky, o conhecimento vai do social para o individual, pois é por meio das relações sociais que o indivíduo pode se constituir membro

autônomo da sociedade em que vive. Dessa forma, as Funções Psicológicas Superiores não são produzidas por si só, somente pela maturação biológica, mas “sua construção implica o uso de signos e símbolos, que nada mais são do que instrumentos de interação” (DAVIS, 1993 apud FITTIPALDI, 2006, p. 51).

Como podemos observar pela referência acima descrita, o ser humano não pode ser avaliado considerando apenas aspectos biológicos, uma vez que estamos estudando a influência que as relações sociais estabelecem na vida das pessoas, dentro de uma visão sociointeracionista. Por isso, a necessidade de conhecermos nosso aluno, para de certa forma nos anteciparmos com ações que priorizem um crescimento na aprendizagem e, conseqüentemente, em seu desenvolvimento pessoal e cognitivo.

Outro aspecto que é preciso levar em conta quando analisamos a influência das relações sociais no processo de aprendizagem, principalmente quando trabalhamos com alunos especiais, é o histórico de preconceito vivido por estes alunos, pois até bem pouco tempo atrás eles eram vistos como pessoas incapazes, que deveriam ser mantidas isoladas, longe do convívio com a sociedade em geral. Muitas vezes, podemos encontrar respostas para muitas atitudes de nossos alunos, com relação a um comportamento mais apático, sem muitas iniciativas, quando analisamos a história de vida dessas pessoas, não apenas pelo aspecto econômico, mas pelo aspecto cultural das famílias das quais fazem parte.

1.3 INTERNALIZAÇÃO

De acordo com as ideias de Benites e Fichtner, (2009), ao longo da evolução da espécie humana, como também do desenvolvimento de cada indivíduo, ocorre uma mudança qualitativa e fundamental no uso dos signos. A utilização de marcas externas vai se transformar em processos internos de mediação no uso dos signos. Esse processo é reconhecido por Vygotsky como processo de construção das Funções Psicológicas Superiores, e esse mecanismo é chamado por ele de mecanismo de internalização ou também de interiorização.

Vygotsky (apud FITTIPALDI, 2006), então,

ressalta que o desenvolvimento ontogenético (pessoal) é produto da aprendizagem, das interações entre o sujeito que aprende e os agente mediadores de cultura (pais, professores, etc.). Daí resulta a

lei da dupla formação dos Processos Psicológicos Superiores (desenvolvimento da linguagem, atenção, memória, raciocínio, formação de conceitos...) que aponta que no desenvolvimento cultural da criança, toda função aparece duas vezes: no nível interpsicológico e no nível intrapsicológico. Menciona-se isso porque as FPS tem sua origem nas construções sociais e na sua reconstrução individual, ou seja, sua internalização é concretizada a partir das interações das crianças com os adultos e outros agentes mediadores (p. 51).

Como podemos observar, para Vygotsky a interação social é a responsável pela aprendizagem e o desenvolvimento, por meio das vivências e as possibilidades de troca e interação que a internalização acontece. Através do convívio com os mais experientes, a criança aprende a solucionar problemas e a desempenhar suas atividades, em um primeiro momento sob orientação e guia dos outros, depois aprende a resolvê-las de forma independente. Diante disso, é possível verificar que a aprendizagem é iniciada pelas interações sociais, e é reconstruída pelo indivíduo a partir desta convivência.

Segundo João Carlos Martins (1993), o processo de internalização pode ser entendido como:

[...] a reconstrução interna de uma operação externa, onde uma série de transformações se processam. a) uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente. b) um processo interpessoal, é transformado em um processo intrapessoal. c) a transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento (p. 116).

Dentro desta ótica, o que existe não é meramente a transmissão da experiência do adulto para a criança, tampouco uma cópia que a criança represente do adulto. Ao contrário, a criança deve participar ativamente da interação para que de fato a internalização ocorra, por isso é compreendida como um processo de reconstrução que a criança realiza a partir das relações sociais, até mesmo porque estas não são feitas somente adulto-criança, mas podem ocorrer entre criança-criança.

Segundo Martins (1993, p. 117), o processo de internalização, com todas as suas particularidades, pode ser caracterizado como uma aquisição social onde, partindo do social, processamos opções que são geradas de acordo com nossas experiências e possibilidades de troca e interação.

Através destas ideias, é possível compreender que o conceito de desenvolvimento cultural é a base da teoria de Vygotsky, em oposição às teorias que destacam apenas as dimensões biológicas, entendendo o desenvolvimento como um processo ligado simplesmente à maturação orgânica. Para Vygotsky, o desenvolvimento humano pode transformar o biológico em social, por isso sua teoria pode ser chamada também de teoria sócio cultural. Segundo ele, o desenvolvimento das funções mentais superiores é uma característica tipicamente humana, fazendo com que o biológico seja incorporado à cultura humana.

Nesse sentido, um trabalho desenvolvido dentro de uma visão Vygotskiana deve abordar a colaboração, a interação, a cooperação, fugindo dos moldes tradicionais de ensino, em que o professor é o detentor do poder e apenas transmite ao aluno que nada tem a oferecer. Durante o estágio, compreender estes significados foi muito importante, pois através deles, pude desenvolver minha prática voltada a metodologias que contemplassem estes conceitos citados anteriormente, priorizando assim uma aprendizagem significativa nas várias áreas do conhecimento.

No processo de internalização, a linguagem desempenha um importante papel, pois é através dela que se pode regular a ação do pensamento. Por meio dela podemos influenciar a ação e o pensamento das pessoas, como também os nossos.

Coll (apud FITTIPALDI, 2006), afirma:

O processo de interiorização pode ser entendido como o trânsito desde uma regulação externa, social, interpsicológica, dos processos cognitivos, mediante a linguagem dos demais, até uma regulação interiorizada, individual, intrapsicológica dos processos cognitivos, mediante a linguagem interna (p. 52).

Ou seja, podemos entender o processo de internalização como uma transformação de fatores externos, mediante a linguagem dos outros indivíduos, ou através da regulação já interiorizada, mediante nossa própria linguagem interna.

1.4 MEMÓRIA

Vygotsky e Luria (apud FACCI e BRANDÃO, 2007) dizem:

A memória é definida como um fenômeno que envolve a plasticidade natural do aparelho neuropsicológico e possibilita a fixação e o

armazenamento de informações, que podem se deteriorar com o envelhecimento, stress ou nervosismo. O desenvolvimento da memória na criança se inicia no período da educação infantil, caracterizando-se como uma memória imediata, natural. No período do ensino fundamental, a criança passa a utilizar grande número de técnicas para memorizar, relaciona o novo material com a experiência anterior por meio de associação, fazendo registros (p. 10).

Como podemos observar, a memória é a responsável pelo armazenamento de informações, sendo ela em um primeiro momento natural, e com o passar do tempo, a criança passa a relacionar novas informações aprendendo então técnicas para memorizar.

Segundo Facci e Brandão (2007), quando nascemos passamos a fazer parte de um mundo com histórias e cultura já estabelecidas. Com o tempo, vamos nos apropriando desse sistema já pronto e aprendendo a utilizá-lo. Ao aprender, somos capazes de transformar nossos processos naturais, elevando nossa capacidade de memorização, tornando nossa memória natural em memória cultural.

O uso de certas marcas resulta em um aumento da eficiência da memória. Fazer bom uso da memória implica em saber organizar seu repertório psicológico, ser capaz de criar boas estruturas auxiliares. Quando a criança começa a utilizar meios auxiliares intermediários e associativos para memorizar, como o corpo e/ou objetos, inicia o processo de evolução de funções psicológicas superiores de forma indireta. Dessa forma, adquire maior liberdade para pensar e agir, além do que é possível pelo aparato biológico imediato (natural).

Ocorre assim, o início do processo de sistematização do conhecimento via aquisição de conceitos, observando-se um avanço do pensamento mediado por conceitos científicos, que superam o pensamento orientado pelo conhecimento cotidiano. Conseqüentemente, a memória intencional adquire caráter lógico e organizado e orienta o pensamento em direção à abstração e à generalização. Como resultado, ocorre o aumento considerável da capacidade de memorização e, assim, as formas imediatas de memorização se convertem em processos psicológicos superiores, sociais por sua origem e mediados em sua estruturação.

De acordo com os mesmos autores, durante o processo descrito anteriormente, é necessário que o professor faça mediações para que as funções psicológicas se desenvolvam, principalmente na educação especial, em que as

crianças apresentam dificuldades na aquisição de conhecimentos, é importante um apoio, estabelecendo conexões associativas.

Vygotsky e Luria (apud FACCI e BRANDÃO, 2007) afirmam que a fala representa um recurso do pensamento extremamente importante. Ao longo de nossa vida, descobrimos o uso funcional que a palavra possui, enriquecendo também nosso vocabulário. Por meio da oralidade, a criança integra processos perceptivos das diversas áreas vias sensoriais (visual, auditiva, cinestésica), elevando o nível de atividade psíquica, adquirindo conhecimentos que lhe permitem nomear, categorizar, generalizar e abstrair.

Segundo os autores, a fala internalizada consiste na função psicológica mais importante do ser humano, representando o mundo externo no mundo interno, estruturando o pensamento. Consideram que a abstração, outra função psicológica, é parte integrante e necessária a todo tipo de processo de pensamento. Neste sentido, para os autores, a educação escolar proporciona intensa estimulação para o desenvolvimento da fala, bem como mudanças essenciais no pensamento, a memória visual evolui para memória verbal, as palavras e as formas lógicas passam a desempenhar o papel de ferramentas decisivas para a rememoração e a fala interior transforma-se no instrumento essencial do pensamento.

O uso de mediadores culturais possibilita o desenvolvimento dos processos psicológicos internos e a habilidade de organizar funcionalmente o próprio comportamento, aspectos que são fundamentais no caso da Educação Especial, tendo em vista que as crianças com deficiência intelectual apresentam dificuldade justamente em relacionar os símbolos ao significado, exigindo assim que o professor tenha uma responsabilidade ainda maior, em provocar situações onde as mediações culturais sejam mais variadas possíveis, ou seja, ações que promovam reflexão, análise, sistematização, enfim, buscando fazer com que o aluno compreenda fenômenos que ocorrem no mundo em que vivem e consigo mesmo.

Durante o estágio, foi possível perceber que ao desenvolvermos práticas que priorizavam suas habilidades, potencialidades, cooperação, socialização, enfim, baseadas na interação social, o conhecimento adquirido, somado às experiências dos alunos, auxiliava tanto em sua aprendizagem quanto em seu desenvolvimento. Neste sentido, o professor deve estar em sintonia com seus alunos, se antecipando a eles com propostas que os façam avançar, contemplando o seu desenvolvimento de forma geral.

2 DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA

A pesquisa desenvolvida contemplou uma abordagem de natureza qualitativa, pois se trata de uma pesquisa investigativa, partindo de uma dúvida, curiosidade, inquietação do investigador. Este tipo de pesquisa geralmente está direcionada, através da utilização de estratégias durante a realização da mesma, a dados descritivos do objeto em estudo, bem como às interpretações que o pesquisador estabelece, buscando dessa forma compreender os fenômenos estudados e decorrentes da pesquisa.

Neste sentido, Godoy (1995) diz que as características básicas para identificar uma pesquisa qualitativa são:

- O ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental;
- O caráter descritivo;
- O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador;
- O enfoque indutivo.

Dessa forma, penso que o estágio realizado, base da pesquisa, tenha apresentado as características citadas. O ambiente natural, aqui representado pela escola, mais especificamente a turma na qual foi realizada a prática. Todas as ações foram registradas em caráter descritivo, desde o seu planejamento, até os registros diários, reflexões semanais sobre a teoria e a prática, reflexões no blog, do portfólio com relação às aprendizagens pessoais e profissionais.

Como se tratou de uma prática embasada na teoria sociointeracionista ou sócio-histórica de Vygotsky, e esta se fundamenta na aprendizagem e no desenvolvimento por meio das interações sociais, levou em consideração o significado que as pessoas envolvidas dão às coisas, tendo o investigador a preocupação do levantamento dos dados, bem como as particularidades dos sujeitos, como de fato aconteceu durante a realização do estágio. O enfoque indutivo, acredito que esteja relacionado ao fato de agirmos pautadas em experiências e teorias trazidos por pessoas específicas, logo temos nosso foco com base nestas ideias. Conforme o andamento da pesquisa, vamos formulando hipóteses induzidas pela ideia da teoria que nos sustenta.

A metodologia utilizada contemplou o uso de projetos pedagógicos. Devido à comemoração dos 20 anos da entidade mantenedora da Escola de Educação Especial João de Barro, a APAE, os professores no início do ano pensaram em abordar o tema para ser trabalhado até o mês agosto de 2010. Por este motivo, resolvi desenvolver o projeto de estágio voltado para este tema.

Os instrumentos utilizados foram, além dos registros citados anteriormente, conversas com a professora regente da turma, antes e durante a realização do estágio, estudo detalhado do público envolvido através da aproximação e conhecimentos das informações cognitivas, biológicas e psicológicas dos alunos, contidas no material fornecido pela escola, e também com conversas com a professora e/ou outros profissionais que atendessem aos alunos da turma envolvida, inclusive para nos interarmos de informações familiares dos mesmos.

2.1 ESPAÇO DA PESQUISA

O estágio foi desenvolvido na Escola de Educação Especial João de Barro, mantida pela APAE de Três Cachoeiras.

A escola funciona das 8 horas às 12 horas e das 13 horas às 17 horas. Conta com 23 funcionários, sendo eles:

1 motorista; 1 Secretária de escola; 1 Secretária do SUS; 1 Secretária do Programa a Nota Minha; 1 Merendeira; 1 Auxiliar de Serviços Gerais; 6 Professoras; 1 Diretora de Escola; 1 Diretora Administrativa; 1 Coordenadora Pedagógica e Técnica; 1 Neurologista; 1 Psicopedagoga; 1 Assistente Social; 1 Fonoaudióloga; 2 Fisioterapeutas e 2 Psicólogas;

A escola oferece aulas de Educação Física, Natação, Teatro, Dança, Oficinas de Artesanato (em turno inverso aos alunos da EJA). Além destas aulas, são oferecidos atendimentos com os todos os profissionais citados acima, dentro das necessidades apresentadas, após avaliação com a equipe multidisciplinar.

Em média são 100 alunos matriculados, destes, 40 frequentam a escola e 60 recebem apenas Atendimento Educacional Especializado (AEE), pois estudam em escolas regulares. A faixa etária dos alunos atendidos na instituição, varia de 0 a 50 anos.

A entidade possui uma estrutura física adequada a sua clientela, com rampas de acesso, portas mais largas que o tamanho normal, banheiros adequados tanto

para a educação infantil, quanto para pessoas com deficiência física.

No que se refere às dependências da escola, podemos observar espaços amplos, como o refeitório e as áreas cobertas. Além destes, temos:

1 cozinha; 1 Sala secretaria e Direção Administrativa; 1 Sala com dois ambientes para o Programa das notas e SUS; 4 Salas de aula; 1 Sala da Direção da Escola e Coordenação; 1 Sala de Professores, 1 Biblioteca; 6 salas para atendimentos clínicos; 1 estrutura coberta (futuramente um salão eventos); 1 área verde com campo de futebol e pracinha.

A escola possui regimento interno, aprovada pela 11ª Coordenadoria Regional de Educação de Osório. A Proposta Pedagógica, foi construída com ajuda de toda comunidade escolar, sendo que o ano passado a mesma foi reformulada, nos mesmo moldes, através de reuniões e discussões e reflexões sobre a escola que temos e a escola que queremos.

Nesta perspectiva, o sistema de avaliação da escola é feito por meio de parecer descritivo semestral e busca pontuar as potencialidades e habilidades dos alunos em consonância com seus avanços, sendo contemplando o desenvolvimento do aluno como um todo e não apenas os resultados.

Ao longo do ano, são realizadas reuniões Técnico-Pedagógicas com toda a equipe, de dois em dois meses, sempre após o horário de expediente. Os professores realizam semanalmente reuniões para discutirem sobre seus planejamentos e atividades, também fora do horário de aula.

Como é possível observar, por meio das informações coletadas, a escola é bastante organizada, possui uma proposta flexível e voltada as necessidades de seu público. A equipe administrativa e pedagógica, dentro do possível procura oferecer o suporte necessário para um trabalho comprometido e de qualidade.

A própria professora, regente da turma, na qual realizei o estágio curricular desenvolve aulas especializadas no que se refere a áreas do conhecimento como, matemática, língua portuguesa, geografia, história e artes. Apenas as aulas de Educação Física são realizadas por profissional capacitado. Os recursos didáticos utilizados pela eram bastante diversificados, como revistas, jornais, rótulos, livros, jogos pedagógicos e quando possível o uso das tecnologias.

2.2 SUJEITOS DA PESQUISA

A turma a princípio era composta por cinco alunos, mas devido a transferência de dois no início deste ano, restaram apenas três alunos, sendo eles dois meninos e uma menina. Pouco tempo depois, um dos transferidos voltou, totalizando 4 alunos. Destes, um menino com 13, outro com 12 e outro com 11 anos e também uma menina com 14 anos.

A renda das famílias em geral não ultrapassa três salários mínimos e a profissão dos pais varia entre, operador de máquinas (funcionário público), diarista e assalariado.

Todos os alunos apresentam deficiência intelectual, com faixa etária entre 11 a 14 anos, em sua maioria são do sexo masculino, de cor branca e famílias de baixa renda.

A escola recebe os alunos com idades próprias e também aqueles que estão com idade superior à idade escolar. Assim que o aluno chega à escola, são realizadas avaliações com os profissionais, conforme a necessidade. Após este processo, é feito um estudo de caso com equipe multidisciplinar e então, este aluno é encaminhado para a escola ou apenas para atendimento especializado.

Quanto aos alunos que já frequentam a escola, a mesma busca sempre se manter informada sobre a situação dos alunos (se estão sendo medicados, relacionamento com a família, comportamento em geral) e estas informações são coletadas por meio dos alunos, encontros com os pais, reuniões, entre outras situações que surgem.

Com relação à aprendizagem dos alunos, é um processo bastante particular. Tendo em vista a deficiência intelectual, as aprendizagens ocorrem de forma mais lenta, porém é progressiva. É preciso que o professor estimule os alunos na maioria do tempo, pois quase não apresentam iniciativa, mas quando provocados, respondem muito bem.

Durante a realização do estágio, minha prática teve como fundamentação teórica principalmente os autores Vygotsky e Paulo Freire. Em meu entendimento, o primeiro afirma que o indivíduo se desenvolve por meio das relações sociais, sendo que o professor, neste, caso tem o papel de mediar estas aprendizagens, provocando situações onde elas acontecem. Já com relação ao segundo autor, penso que ele se refira mais especificamente às contribuições que os alunos trazem

consigo, por meio de suas vivências e experiências, cabendo ao professor o papel de investigá-las e desenvolvê-las, buscando torná-lo um ser mais autônomo, autoconfiante, crítico, enfim, um cidadão consciente.

2.3 PERCURSO DA PESQUISA

O estagio foi realizado no período de 11 de abril a 12 de junho de 2010, completando ao todo nove semanas.

A primeira semana foi uma das mais significativas no processo de iniciação da minha caminhada docente. Muitos foram os desafios, sobretudo pela falta de experiência da minha parte, porém com o auxílio da professora regente, que já me vinha orientando mesmo antes do início das aulas, ocorreu tudo a contento.

Iniciei as aulas procurando saber um pouco sobre a vida dos alunos e também fornecendo informações a meu respeito, através de brincadeiras, como por exemplo, “ovo choco”, no qual aquele que recebesse o ovo deveria responder a questionamentos previamente estabelecidos.

Acredito que adotei uma conduta apropriada, me interagindo sobre o processo de aprendizagem dos alunos e propondo atividades para identificar quais informações eles já haviam consolidado e quais ainda necessitavam ser trabalhadas. Percebi que deveria ficar atenta na execução das atividades, pois dois dos quatro alunos já estão bem mais avançados do que o outro. Procurei formas de fazer com que os dois auxiliassem este um sem perderem o entusiasmo, e também não oferecer algo muito além do que esse último possa realizar. Além disso, procurei oferecer as mesmas atividades para não parecer que estava dividindo a turma, mas exigindo respostas conforme o ritmo de cada um.

Durante a semana observei que os alunos realizaram todas as atividades propostas, inclusive algumas que foram reprogramadas para o dia seguinte. Procurei desenvolver ações que contemplassem várias áreas do conhecimento, como leitura e escrita, histórias matemáticas, equilíbrio, coordenação motora, aspectos sociais e culturais. Iniciamos a confecção do calendário, destacando as datas de aniversário de cada um, bem como outras que os alunos consideravam importantes. Busquei dessa forma, alcançar alguns dos objetivos, conteúdos e atividades contidos no Projeto do Estágio, que foi reformulado conforme o decorrer do estágio e as necessidades.

Mantivemos um bom relacionamento durante a semana, não havendo conflitos entre aluno-professor, apenas alguns momentos de discussão aluno-aluno, que foram facilmente resolvidos. Observei também que os alunos trazem muitas experiências e vivências e que necessitam de momentos para expor estas situações. Por isso, muitas vezes tivemos momentos para conversarmos sobre fatos ocorridos fora do ambiente escolar. Isto me remeteu às palavras de Freire (1996):

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém (FREIRE, 1996, p. 12).

Quando nos propomos a ensinar algo, estamos propondo a um ser repleto de particularidades, vivências, saberes. Se não pararmos para ouvi-lo, jamais nos apropriaremos destes saberes.

Na segunda semana, percebi um pouco mais de confiança da minha parte. Observei que os alunos também já estavam confiando mais em mim, no sentido de estarem motivados com o que eu propunha. Trabalhamos com entrevistas aos funcionários da escola, o que percebi ter deixado os alunos bastante empolgados, pois tiveram acesso a quase todos os seguimentos da entidade, se aprofundaram mais no trabalho desenvolvido pela mesma, propiciando-lhes uma aprendizagem significativa e ao mesmo tempo prazerosa.

Também fiquei impressionada com os alunos, por ocasião do dia do Índio. Ao conversarmos sobre a cultura, alimentação, situação, entre outros aspectos, dos povos indígenas, eles se lembraram da visita que fizeram a uma aldeia perto de nossa cidade, no mínimo uns três anos atrás, inclusive contando detalhes, como: a existência de casas de palhas, cestos que eles fabricavam etc. Com isso, observei que quando uma atividade é realizada de forma planejada e contextualizada, como a saída a campo, contribui muito positivamente no processo de aprendizagem.

As aulas no laboratório de informática também foram importantes, pois os alunos além de fazerem pesquisas sobre nossa cidade, visualizando-a de uma forma diferenciada através do Google *maps* (programa específico de localização, através de mapas, satélite e fotos), puderam se apropriar de ferramentas como

nosso blog, onde digitaram seus nomes e observaram a foto da turma que eu havia postado anteriormente.

As aulas de educação física proporcionaram uma importante interação entre os alunos, sendo que no jogo de vôlei formaram duplas, trabalharam em parceria, fortalecendo os laços de amizade, o que aos poucos foi se evidenciando no dia a dia em sala de aula. Procurei sempre motivá-los e incentivá-los a persistir na realização das atividades, e também na superação dos próprios receios (dentro do possível, é claro). Continuei procurando envolvê-los, fazendo com que se ajudassem mutuamente, inclusive valorizando quando aquele colega que geralmente é ajudado traz algo para o grupo, evidenciando a existência da troca.

As experiências dessas semanas me direcionam novamente às palavras de Freire, ao afirmar que:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a ele ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p. 27)

Na terceira semana, pude refletir mais especificamente sobre duas situações em que fiquei surpresa com a reação dos alunos. A primeira por esperar que eles fossem reagir conforme aquilo com o que eu havia imaginado, o que não aconteceu; a segunda, por achar que não teriam as iniciativas que tiveram. Durante a brincadeira da fazendinha, os alunos não tiveram as ações que achei que teriam – de criar situações novas com relação à compra e venda dos animais da fazenda. Eles apreciaram a brincadeira, mas deram um rumo diferente daquele que eu pensei que fossem fazer, o que não significa que não houve aprendizagem; pelo contrário, eles acrescentaram suas vivências e expectativas na brincadeira, as quais eu deixei que fluíssem naturalmente e em conjunto com o que eu tinha proposto.

A segunda situação se refere aos recursos existentes e faltantes em nosso município. Acreditava que eles não saberiam defini-los claramente e precisariam de um “empurrãozinho” para fluir. Ao contrário do que imaginei, eles facilmente colocaram diversos nomes de recursos que temos, mas o que mais me surpreendeu foi com relação aos que não temos, o que também chamou a atenção de outros professores que viram os escritos no quadro.

A quarta semana foi marcada pelas atividades em comemoração ao dia das mães. Para mim, foi uma experiência única ao ver o envolvimento e empolgação dos alunos em dar o que tinham de melhor, na realização das atividades, pois se tratava de um tema pelo qual apresentavam muito carinho.

Durante toda a semana, nos envolvemos com a confecção dos prendedores, do álbum, coleta das roupas das mães e ensaios do desfile e da música. Para isso, tivemos que abrir mão de alguns conteúdos mais “tradicionais”, como histórias matemáticas, textos, entre outros. Porém, o gosto e a vontade com que os alunos apresentaram em realizar as tarefas me fizeram refletir sobre as práticas que vínhamos desenvolvendo.

É bem verdade que quando planejamos nossas aulas, temos em vista além do desenvolvimento cognitivo, afetivo e construção de novas e significativas aprendizagens, o desenvolvimento do aluno como um todo. Dessa forma, contribuímos com a formação de cidadãos melhores e cientes de seus deveres e direitos, mais críticos, enfim, mas isso não significa que para alcançarmos estes objetivos, tenhamos que aplicar e desenvolver metodologias mais focadas aos conteúdos, como geralmente acabamos fazendo.

Durante essa semana, percebi que nossa prática pode contemplar todas as áreas do desenvolvimento sem precisar contar histórias matemáticas, ler livros, textos prontos etc. Percebi que trabalhamos, sim, além de diversos conteúdos, diversas áreas do conhecimento. Durante a confecção dos prendedores, trabalhamos motricidade fina, como desenho, colagem, recorte. Já na confecção do álbum, foi possível desenvolver a imaginação, com a criação de frases para mãe, noções de informática, com a digitação destas frases no computador, leitura e escrita, pois registramos no caderno para levar ao laboratório. Até mesmo matemática, pois fizemos o cálculo de quantas páginas seriam necessárias para a montagem do álbum, quantas capas iríamos recortar. Nos ensaios da música e desfile, desenvolvemos a memória, afetividade, expressão corporal e facial, espírito de união e amizade.

Ao refletir sobre a semana, me dei conta de quantas aprendizagens houve, mesmo nas áreas em que eu, em um primeiro momento, não havia percebido, e ainda com algo a mais, pois envolveu um tema do interesse dos alunos e que os deixou muito contentes e satisfeitos. Contudo, estas experiências me ajudaram a pensar em uma prática onde os conteúdos sejam trabalhados de forma tão natural

que os alunos nem percebiam que estão estudando, mais ou menos nos moldes que aconteceram essa semana, porém que contemplassem diferentes áreas do conhecimento não trabalhadas anteriormente e acima de tudo, ocorram de forma consciente para o professor.

Na quinta semana, os acontecimentos mais marcantes, ao contrário das semanas anteriores, foram os acontecimentos que não tiveram tanto sucesso, ou melhor, que aparentemente não resultaram como eu esperava, o que não quer dizer que não houve aprendizagem, ou crescimento. Na terça-feira, durante a exploração do material dourado, percebi que os alunos já não estavam respondendo a questionamentos que em aulas anteriores haviam realizado, mostrando dessa forma que algumas noções de matemática não haviam sido internalizadas por eles.

Confesso ter ficado bastante frustrada em um primeiro momento, chegando a me questionar se eu é quem não estava sabendo expor para eles, conforme havia feito em aulas anteriores. Porém, após conversa com a professora regente da turma, ela me orientou que aquela situação seria normal em se tratando de pessoas com deficiência intelectual e com possibilidades da existência de algumas síndromes associadas.

Dessa forma, as angústias e reflexões a partir daquela situação me fizeram repensar a metodologia adotada. Percebi que devo sempre desenvolver o processo do início, para que as noções já existentes sejam devidamente apropriadas, e para aqueles que ainda tiverem dúvidas, que sejam repassadas antes de seguir adiante. Percebi que a cada aula, tenho de revisar conteúdos já trabalhados, para conseguir avançar um pouco de cada vez.

Em comemoração ao dia da Solidariedade, fomos até o Lar Dr. Paim Cruz. Conhecemos um pouco da realidade dos vovôs e vovós que ali vivem, interagimos com eles, presenteamos com um pequeno mimo, confeccionado anteriormente pelos alunos. Alguns alunos também apresentaram duas danças. Acredito que a mensagem de solidariedade tenha sido alcançada, pois os alunos tiveram a oportunidade de experienciar um momento concreto do que representa ser solidário e, a partir daí, poder pensar em outras atitudes semelhantes.

Todas as observações, angústias e reflexões da semana me remeteram ao texto: “Educando o Olhar da Observação – Aprendizagem do olhar”, que diz: “Podemos concluir, portanto, que o fato de observar envolve todos os outros instrumentos: a reflexão, a avaliação e o planejamento, pois todos se inter cruzam no

processo dialético de pensar a realidade” (WEFFORT, 1996, p.02).

A sexta semana foi mais tranqüila em relação à anterior, exceto pelo fato de não conseguirmos realizar todas as atividades propostas, mas quase tudo ocorreu dentro do planejado. Somente a atividade da linha do tempo foi reformulada, pois da maneira que havia planejado contemplando somente os acontecimentos da escola, percebi que não faria tanto sentido para os alunos, quanto se eu incorporasse, paralelas a estas informações, dados da vida pessoal dos alunos, oportunizando, com isso, um comparativo e tornando-a mais significativa, pois quando relacionamos algo com nossa própria história, encontramos mais sentido nela.

Com base na reflexão da semana anterior, busquei iniciar as atividades sempre retomando conceitos que ainda não estão internalizados pelos alunos de forma mais espontânea, aproveitando momentos comuns do dia a dia, para não ficar cansativo. Por exemplo, aproveitando momentos como a hora de preparar o lanche quando a merendeira vem para saber o número de alunos, contamos todos juntos em voz alta e em seguida relacionamos com o número correspondente. Dessa forma, procurei aproveitar as situações que apareceram durante as aulas para trabalhar alguns conteúdos, além daqueles que foram previamente planejados.

Semelhante às semanas anteriores, nossas aulas buscaram trabalhar as diversas áreas do conhecimento, com ênfase maior na autonomia do aluno, buscando atividades que procurassem desenvolver esta habilidade. Após nossa ida ao Laboratório de Informática – LABIN, onde pesquisamos sobre o pássaro João-de-Barro, escutamos o seu canto entre outras ações, relacionando com o fato de essa ave ter dado origem ao nome de nossa escola. Então, pedi que se reunissem, conversassem e produzissem um desenho coletivo, de maneira que cada um contribuísse com uma parte. Eu não iria interferir, decidiriam sozinhos. Foi o que aconteceu; mesmo um tanto relutantes no início, realizaram a atividade sozinhos.

Nesse mesmo dia, durante a aula de educação física, que foi realizada em uma sala com mais espaço e em companhia de outros alunos, pude observar uma cumplicidade entre os alunos de nossa turma. Mesmo havendo alguns desentendimentos, eles brincaram, dançaram e na roda de chimarrão, serviam uns aos outros, sem que nós tivéssemos solicitado. Fiquei bastante contente, por ver que é possível desenvolver e fortalecer, também na escola, valores como amizade, respeito, carinho e cumplicidade, valores estes que perduram a vida toda quando cultivados em diversos ambientes.

A sétima semana foi marcada basicamente pelo trabalho com os endereços. Tudo iniciou com o endereço da própria escola, quando localizamos primeiramente no mapa mundi as Américas; em seguida, América do Sul, Brasil, Rio Grande do Sul e, por último, nosso município. Os alunos identificaram facilmente os locais citados acima, considerando que são noções que não são vistas por eles com muita frequência. Fiquei surpresa com seu senso de localização, interpretando muito bem que cada local faz parte de outro, e assim sucessivamente. Relacionamos a esses conteúdos o evento da Copa do Mundo. Eles se deram conta de que os jogadores de diversos times do Brasil formam juntos a seleção brasileira que disputaria a Copa. Todos se perceberam em condições de igualdade, torcendo unidos pelo mesmo time, o Brasil.

Em nossa saída de campo, onde identificamos alguns comércios nos arredores da escola, pude perceber que os alunos ficaram atentos aos detalhes, mostrando envolvimento e responsabilidade na atividade, pois descreviam os números dos locais. Teve um aluno, inclusive, que fez uma observação muito importante, quando disse que não tínhamos placa com os nomes das ruas e isso dificultava o trabalho dos correios na entrega das correspondências.

Fico muito contente em momentos como os citados acima, pois através deles, temos a motivação necessária de ver e acreditar que nossos objetivos estão sendo alcançados e que nossos alunos, mesmo com suas limitações, podem ir além, trazer suas próprias constatações e impressões, tarefa esta muito difícil também para nós, que diversas vezes, pelo comodismo ou desânimo, deixamos de exercitar.

Conforme as semanas anteriores, busquei trabalhar os conceitos nas diversas áreas do conhecimento, dando maior ênfase em determinada área, de acordo com o planejamento, e também aproveitando as situações que vão surgindo diariamente. Nessa semana, acredito que o senso de localização teve maior destaque, possibilitando também certa criticidade diante de situações que identificamos como não sendo muito práticas, como o fato de não termos placas com o nome das ruas em nossa cidade.

Outro acontecimento muito importante nessa semana foi a visita da professora Gabriela, que mesmo procurando não interferir, teve sua participação: quando estávamos pesquisando no mapa, identificamos o estado do Pará e informei aos alunos que tinha uma pessoa que tinha viajado de lá até o nosso estado. Eles ficaram admirados com grande distância de um estado para o outro, questionando

como a professora havia vindo, se de ônibus ou avião.

Para mim, sua visita teve outro significado: o de fortalecer minhas convicções no trabalho docente, quando nos estimula a continuar o trabalho realizado, dando total suporte para que ele tenha um bom embasamento teórico e quaisquer esclarecimentos com relação à ligação da teoria com a prática. Nos tranquiliza quando deixa claro sua confiança em nosso trabalho e nos motiva quando pessoalmente é possível confirmar o que vem sendo visto em seu acompanhamento virtual.

Fiquei muito contente e realizada ao perceber que nosso trabalho é discutido pelos alunos também em casa, pois nesta semana havia solicitado aos alunos que pesquisassem com seus pais seu próprio endereço. Um dos alunos, mesmo não trazendo seu questionário respondido, soube responder o nome de sua rua, evidenciando que, embora não trazendo o trabalho, o principal havia sido realizado – dialogou com sua mãe e verificou o endereço onde morava. Confirmamos os dados informados pelo aluno através do mapa do município que temos em nossa sala, uma vez que já havíamos passado em frente a sua casa no trajeto que fizemos a pé pelos arredores da escola.

A oitava semana foi curta em relação às anteriores, porém não menos importante. Realizamos diversas atividades promovidas pela Secretaria de Educação do município. Assistimos a uma Peça Teatral com o nome “A história de todas as coisas”. Com ela, vimos que embora não encontremos explicação para a origem de todas as coisas, o importante é termos consciência de que o consumismo exagerado causa um grande acúmulo de lixo, que muitas vezes não é reaproveitado, gerando uma agressão ao meio ambiente. Ao longo do tempo, virão a desencadear conseqüências negativas em nossas vidas. Vimos exemplos simples de preservação que poderão contribuir para um planeta limpo e seguro por muito mais tempo. É sempre gratificante passar valores de preservação ambiental aos alunos da forma como foi realizada nesta semana, prazerosa e divertida, o que a torna significativa, gerando importantes aprendizagens.

Visitamos também a Feira da Biodiversidade, onde vimos alguns produtos ecológicos, produções artesanais, remédios produzidos com ervas e como podemos ter uma vida mais saudável e livre de agrotóxicos, contribuindo para o nosso bem e também com a preservação do meio ambiente.

Além de todas essas atividades, confeccionamos os tapetes de Corpus

Christi, destacando valores como Paz, Amor, Respeito, Vida, enfim, vindo muito bem ao encontro das demais atividades realizadas pela Semana do Meio Ambiente.

Sem dúvida, foram trabalhadas diversas áreas do conhecimento, e agora de forma proposital. Embora passe despercebido para os alunos que estão trabalhando diversos conteúdos, aos olhos do professor, isso já não se repete, pois desde o planejamento até a realização efetiva das atividades, os objetivos estiveram sempre em foco. Mesmo nas atividades não planejadas, foi possível observar a importância que cada uma delas tinha na busca do conhecimento tanto dos alunos, quanto do professor.

A nona e última semana foi marcante, por ser o momento em que realizamos a culminância de nosso projeto e vimos de forma mais direta os resultados de todo o processo. Neste sentido, a atividade do último dia de aula, veio ao encontro de todas as expectativas depositadas ao longo do projeto, pois através dela foi possível observar que os conceitos trabalhados foram se somando ao longo do tempo e ao final do processo, eles alcançam verdadeiramente o sentido almejado desde seu planejamento.

Durante esse dia, realizamos a exposição dos trabalhos realizados durante o estágio e por esta razão, procurei deixar as “falas”, o máximo possível por conta dos próprios alunos, para que tanto os pais quanto eu mesma pudéssemos verificar o que realmente marcou para eles durante a execução das atividades. Fiquei realizada e muito, muito feliz, pois presenciei uma apresentação maravilhosa dos alunos. Na maioria das vezes, a aluna L. foi quem mais falou, mas ao mesmo tempo envolveu os colegas que demonstraram estarem tendo os mesmos entendimentos, mesmo sem tomar a palavra.

Iniciamos a exposição falando do tema abordado durante o projeto, o qual se referia aos 20 anos da APAE. Em seguida, fomos apresentando cada produção nossa e como realizamos cada atividade. Eles apresentaram de forma clara e objetiva cada material exposto, evidenciando o entendimento que tiveram neste período. Foram apresentados trabalhos realizados como: cartazes, fotos, texto fatiado, fotos de entrevistas, maquetes da sala de aula e da escola, linha do tempo e demais produções presentes na sala de aula, espaço este também apresentado na exposição. Os alunos se lembraram de momentos realizados desde o início do projeto até sua finalização, contando detalhes e fatos que demonstraram que o que viram realmente teve sentido para eles.

Dessa forma, a avaliação, além de ser diária e cumulativa, atingiu seu ápice nesse momento tão esperado, e não é possível concluir outra coisa se não que o projeto alcançou seus objetivos, ou ao menos, grande parte deles, pois foi possível verificar aprendizagens significativas dos alunos, frente aos seus próprios relatos.

Confesso que mesmo consciente do envolvimento e participação dos alunos, fiquei surpresa com os depoimentos deles, que demonstraram de maneira muito confiante os conceitos estudados. Tudo isso é a resposta necessária para que tenhamos certeza de que nosso trabalho aconteceu de acordo com o que planejamos, pois sabemos do grande desafio que isto representa, uma vez que nem sempre sabemos se aquilo que estamos propondo está contemplando os interesses dos alunos, o que é fundamental para o envolvimento deles.

Um outro momento importante durante a última semana foi a visita da tutora Graciela. Mesmo sabendo que essas observações fazem parte de um processo de avaliação, eles geram um pouco de ansiedade, mas que no final são superados e soam como um momento de satisfação. Assim como a visita da professora Gabriela, esta visita significou a resposta para muitas dúvidas com relação ao trabalho desenvolvido e que nos tranquiliza bastante. Quando de posse da avaliação, é possível ver o reconhecimento daquilo que viemos desenvolvendo e que ainda é possível contar com seu apoio e colaboração nas angústias que ainda estão por vir.

Segundo Pistóia (2007):

O ser humano é o resultado de suas interações e a vida é a busca incessante por novos conhecimentos. Estes novos conhecimentos, de forma nenhuma, representam um investimento em vão. Eles são a efetivação do que se pretende, em termos de proposta educativa para os alunos em situação de desvantagem. São estes que constituem-se no maior desafio a ser enfrentado, pois representam a mudança radical no atual panorama educacional (PISTÓIA, 2007, p. 11).

Durante essas nove semanas que passei ao lado dos alunos do Ciclo II, conforme os relatos acima descritos, muitas foram as aprendizagens, algumas dificuldades, mas acima de tudo, muitas, muitas reflexões sobre a forma com que esses alunos se desenvolvem e aprendem. Ao longo de todo esse período, pude analisar de forma mais efetiva suas habilidades, potencialidades, dificuldades e limitações, concluindo que assim como as demais pessoas, esses alunos têm condições de aprender, avançar e superar obstáculos. Pude também constatar que

esse processo acontece de forma mais lenta, devido ao atraso que possuem em seu desenvolvimento cognitivo.

Diante de toda essa experiência que foi o estágio, muitas foram também as inquietações vivenciadas por mim com relação ao processo de aprendizagem dos alunos, mais especificamente ao processo de internalização, ou seja, como eles se apropriam realmente daquilo que aprenderam, e como podemos pensar em estratégias que possam facilitar esse processo.

Durante a realização da prática, ocorreram diversos momentos em que aparentemente os conceitos estudados pareciam estar consolidados, mas ao retomar os mesmos conceitos em momentos posteriores, verificávamos que eles não estavam totalmente dominados pelos alunos. Esse fato se repetiu várias vezes durante as aulas, me deixando um pouco ansiosa e até mesmo com dúvidas em relação a minha conduta, pois cheguei a pensar que pudesse não estar expondo com clareza alguns conceitos. Entretanto, ao longo do tempo e conforme orientações recebidas, foi possível observar que o processo de internalização dos alunos com deficiência intelectual ocorre realmente dessa forma, e por isso é necessário retomar sempre do início conceitos já estudados para poder avançar.

Por outro lado, percebi que alguns acontecimentos ocorridos há bastante tempo foram armazenados na memória dos alunos, pois aconteceram de forma lúdica, ou seja, prazerosa, me levando a crer que também assim devem ser expostos conceitos pedagógicos contemplados em nossa prática. Através da interação com o colega e exploração do novo, o aluno poderá internalizar determinados conceitos mais facilmente.

3. ANÁLISE DOS DADOS

A partir da teoria sociointeracionista de Lev Semenovich Vygotsky, foram estabelecidos quatro conceitos para melhor compreender a questão central deste trabalho de conclusão, dentre eles: Deficiência Intelectual, Zona de Desenvolvimento Proximal, Internalização e Memória. Cada um deles foi analisado anteriormente pelo seu significado de forma bastante ampla. Cabe aqui, neste momento, trazer evidências que confirmem o significado dado a cada um dos conceitos, tendo por base o estágio curricular realizado durante dois meses.

Com relação à deficiência intelectual, podemos afirmar que durante o estágio foi possível verificar de forma bastante efetiva que este conceito ainda não está totalmente compreendido pela maioria dos educadores. Segundo a teoria de Vygotsky, esses alunos são avaliados na maior parte de suas vidas pelas suas dificuldades, por aquilo que não conseguem realizar sozinhos. Porém, o que quase não se tem visto é a busca para analisar as verdadeiras habilidades e capacidades que eles possuem de superar as próprias dificuldades por diferentes meios.

Neste sentido, SOUZA (2002) diz o seguinte:

Durante a história da deficiência mental, a despeito das inúmeras transformações e das conquistas a acerca dos direitos das pessoas com deficiência, a marca da negação se mantém. Negação que se expressa das mais diversas formas, indo da explícita exclusão, expulsão, repúdio das pessoas com deficiência até as mais sub-reptícias – muitas vezes, travestidas da aceitação, atendimento, assistência, inclusão. Podemos afirmar que esta história é reflexo ou representação de uma história maior, marcada por desigualdades e marginalização das pessoas que, por não se adequarem a um determinado modelo, são tomadas como potencialmente capazes de corromper a ordem e colocar em risco a “suposta e esperada harmonia” (p. 8).

Ao trabalhar diretamente com esse público, é possível conhecer e acreditar no potencial que cada indivíduo possui, pois a cada dia vivenciamos situações concretas que comprovam que eles são capazes de se desenvolverem e aprenderem – em um ritmo mais lento, é verdade, mas que pode ser progressivo na maioria das vezes.

Segundo a teoria sociointeracionista, a aprendizagem e o desenvolvimento estão fortemente interligados, sendo que um promove o outro, através das relações

estabelecidas com o meio e com as outras pessoas. Por isso, a interação, a cooperação, a socialização são fundamentais no processo de aprendizagem do ser humano, principalmente quando envolve pessoas com deficiência intelectual, sendo que na maioria das vezes, sua autoestima, autonomia, senso crítico, pouco foram estimulados no ambiente familiar devido ao histórico de preconceito enfrentados por essas pessoas. O ambiente escolar pode ser, se não o único, o mais importante instrumento que essas pessoas possuem para se desenvolverem plenamente como cidadãos conscientes. Para isso, o professor deve apostar em estratégias que estimulem a troca, o diálogo, a iniciativa, enfim, que promovam o desenvolvimento total da pessoa com deficiência intelectual.

Durante o estágio presenciei momentos que evidenciam e sustentam as afirmações aqui trazidas, como por exemplo, as atividades desenvolvidas durante a semana do Município que abordaram o trabalho coletivo de pesquisa para conhecer alguns recursos existentes em nossa cidade, sendo que dialogamos e refletimos sobre a importância de recursos como Hospital e o Posto 24 horas, exemplos esses levantados pelos próprios alunos que, mesmo se alegrando com as riquezas naturais e valorizando o lugar onde moram, souberam lançar um olhar mais crítico da realidade na qual estão inseridos.

Penso que ao abordar o conceito de deficiência intelectual e algumas medidas essenciais para trabalhar com estas pessoas, não há como separá-lo do conceito de zona de desenvolvimento proximal que, como vimos, representa a distância entre aquilo que a pessoa já realiza sozinha e aquilo que ela ainda precisa da ajuda do outro para realizar. Quando refletimos sobre estratégias que estimulem a aprendizagem e o desenvolvimento, estamos nos referindo justamente a ações que priorizem a zona de desenvolvimento proximal buscando, dessa forma, que o aluno alcance um nível mais elevado do conhecimento que somente será possível por meio da experiência com o outro.

Fittipaldi (2006), diz que

ao contrário de Piaget, que considerava o desenvolvimento um pré-requisito para aprendizagem, Vygotsky (2006) entende que o processo de desenvolvimento se articula ao processo de aprendizagem. Para ele, a aprendizagem bem organizada impulsiona o desenvolvimento, que por sua vez, permite novas aprendizagens (p.51).

Acredito que trabalhar com a zona de desenvolvimento proximal tenha sido o maior desafio durante o estágio, pois para isso é necessário conhecer aquilo que o aluno já conhece e aquilo que ainda não está internalizado por ele. Esta foi uma de minhas maiores inquietações durante a prática, reconhecer os conceitos já internalizados e aqueles que ainda necessitam ser trabalhados. Em um primeiro momento, pensei que pudesse avançar com os conceitos por acreditar que eles já estivessem internalizados, porém ao avançar, percebia que era necessário retomar alguns conceitos vistos anteriormente para que eles fossem consolidados e utilizados posteriormente em futuras ações.

Como vimos, a partir da perspectiva Vygotskyana, é por meio das relações sociais que o indivíduo se constitui como membro da espécie humana, ou seja, as informações que vamos absorvendo da relação com as outras pessoas vão nos constituindo enquanto pessoas. No ambiente escolar, essa realidade não é diferente; através das mediações estabelecidas entre professor-aluno e aluno-aluno, é possível absorver determinados conceitos.

Segundo Vygotsky, nossas funções psicológicas superiores são desenvolvidas por meio de instrumentos e signos, sendo que estes são constituídos culturalmente, ou seja, a partir das relações que o indivíduo estabelece com o ambiente no qual está inserido, mediado pelas pessoas que o cercam. Como instrumentos, podem ser citados a pá, o machado, a canoa etc. Já os signos são os instrumentos que funcionam como fatores internos, que regulam as ações das pessoas. Por exemplo: representações mentais de objetos, situações, eventos etc.

Dessa forma, o trabalho em grupo foi fundamental durante a prática do estágio. Mesmo a turma sendo pequena, foi possível desenvolver atividades em que um colega auxiliava o outro, como nas histórias matemáticas, com ou sem material concreto, sendo que aqueles com mais facilidade traziam para os demais sugestões para encontrar as respostas. Ou nos relatos dos alunos de situações vivenciadas por eles no cotidiano, evidenciaram a troca de experiências e a valorização do que cada um pode contribuir.

Os conceitos de internalização e memória estiveram interligados entre si, quer na teoria, quer na prática, assim como estabeleceram relações com os conceitos descritos até o momento. Segundo Smolka e Laplane (2006), o que distingue a aprendizagem humana é a criação de instrumentos e signos. É essa criação que caracteriza a atividade mental, e a possibilidade de produção e a incorporação da

cultura é chamada por Vygotsky de processo de internalização.

Neste sentido, as mesmas autoras dizem o seguinte:

No homem, a maior imperícia ao nascer significa não só uma vinculação inescapável e uma dependência em relação ao outro, mas maior abertura para o possível, maior plasticidade cerebral, maior tempo para aprender a experiência cultural e histórica. Aprendizagem, nesse sentido, encontra-se relacionada às formas de participação e apropriação das práticas sociais. Essas práticas condensam a experiência social, historicamente construída e partilhada, de maneira que os bebês que nascem vão se apropriando do que se apresenta disponível na cultura. Assim os costumes, as formas de participação na família e na comunidade, as instituições educativas, o trabalho e as diversas formas de organização social conformam essas práticas (2006, p. 78).

Como vimos, desde nosso nascimento, vamos nos constituindo a partir das relações estabelecidas com o meio e com as pessoas a nossa volta. Dentro dessa ótica, a escola é uma importante fonte de apropriação das práticas sociais, por isso a teoria sociointeracionista atribui ao professor uma parcela muito importante no que se refere às mediações no processo de aprendizagem dos alunos.

Durante o estágio, procurei desenvolver práticas pedagógicas voltadas à interação, socialização, cooperação, autonomia, autoestima e maior senso crítico, através de ações que contemplassem a participação efetiva dos alunos, o diálogo e a oportunidade deles exporem sua opinião sobre as aulas, por meio de avaliações que aconteciam geralmente quinzenalmente. Dessa forma, eles interagem entre si, com o professor e traziam suas sugestões e ideias para juntos aprimorarmos nossas aulas e aprendermos em conjunto. Tendo em vista que, para Vygotsky, o conhecimento vai do social para o individual, acredito que as ações descritas anteriormente se fundamentam dentro desta perspectiva.

Portanto, diante da teoria confrontada com a prática, é possível encontrar as explicações necessárias para fundamentar o trabalho realizado, além de nos apropriarmos das ideias de importantes autores que contribuíram positivamente para uma educação responsável e de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente trabalho, foi possível conhecer um pouco da teoria sociointeracionista de Lev Semenovich Vygotsky e, a partir dela e da experiência que foi o estágio curricular, pensar em estratégias que venham a facilitar o processo de internalização dos alunos com deficiência intelectual.

Dentro dessa perspectiva, foi possível compreender, de certo modo, como ocorre a aprendizagem das pessoas com deficiência intelectual. De acordo com a teoria em estudo, é por meio das relações sociais que o indivíduo se constitui como membro autônomo da espécie humana, não havendo distinções com relação à pessoa com deficiência intelectual, senão pelo fato de elas terem tido um histórico de preconceito de uma sociedade voltada para as pessoas que não possuem deficiência alguma. Como vimos, elas sempre foram avaliadas por aquilo que não conseguiam realizar, e não de acordo com suas capacidades de superá-las. Durante algum tempo, foram desenvolvidas apenas as funções em que o comprometimento fosse menor, de modo a suprir as funções mais comprometidas, quando, no entanto, elas deveriam ter sido trabalhadas de modo a superar as dificuldades que essas pessoas possuem, buscando seu desenvolvimento global.

Neste sentido, foi fundamental o estudo do conceito da zona de desenvolvimento proximal. Através dela, descobrimos que com a ajuda de alguém mais experiente, é possível realizar ações que sozinhos dificilmente descobriríamos. Logo, as estratégias que facilitam a internalização de conceitos estarão voltadas para este caminho.

Por meio dos estudos realizados e através das vivências obtidas na prática, foi possível constatar que as atividades em grupo são fundamentais para o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, sendo que estes dois conceitos estão muito próximos um do outro, ou seja, um não acontece sem o outro. À medida que a criança aprende, avança em seu desenvolvimento e vice-versa. Dessa forma, atividades coletivas promovem a interação, cooperação, socialização, trabalho em equipe, afetividade, enfim, elementos essenciais para que um possa aprender com o outro e, assim, desenvolverem-se juntos, por meio da troca.

Para tanto, o papel do professor é também muito importante, e deve ser realizado com o intuito de mediar estas ações descritas acima, de forma que não

sejam feitas ao acaso, mas sejam antecipadas às necessidades de seus alunos. É de fundamental importância que o professor tenha em mente quem é seu aluno, o que ele já sabe, o que ele pode, quer e deve descobrir para avançar na busca pelo conhecimento. Dentro dessa ótica, estamos trabalhando, então, na zona de desenvolvimento proximal de nossos alunos e, com isso, buscando seu avanço, autonomia, crescimento, visando à superação dos seus limites.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração é a forma com que o professor abordará os conceitos estudados. De acordo com as experiências obtidas durante a prática, ficou evidenciado que uma atividade se torna significativa quando realizada dentro das expectativas dos alunos, mas acima de tudo, quando feita de forma lúdica, ou seja, que lhe proporcione satisfação, envolvimento, alegria, sendo muito difícil de se conseguir êxito por meio de ações isoladas que visem contemplar somente o currículo escolar, sem a participação efetiva dos alunos. Por meio dos relatos dos alunos, pude observar que atividades realizadas há bastante tempo, mas que foram significativas para eles, lhes proporcionaram importantes aprendizagens, sendo assim internalizadas por eles e facilmente retomadas em momentos posteriores, como de fato aconteceu durante o estágio.

Acredito que práticas diversificadas, contextualizadas, planejadas e pensadas também pelo olhar do próprio aluno, possam facilitar o processo de internalização dos alunos com deficiência intelectual. Muitas vezes, o fato de essas pessoas se desenvolvem de forma mais lenta, está muito mais relacionado a aspectos referentes a situações de desvantagem emocional, cultural, econômica, psíquica, decorrentes de uma estrutura familiar que não se mostra capaz de lidar com essas pessoas, do que propriamente de suas características orgânicas. Nesses casos, o ambiente escolar torna-se um refúgio ou um alento para suas dificuldades.

REFERÊNCIAS

BENITES, Maria / FICHTNER, Bernd – Introdução à abordagem histórico-cultural de Vygotsky e seus colaboradores, 2009. UFRGS.

COLL, César; SOLÉ, I. A interação professor aluno no processo de aprendizagem. In: COLL Cesar; PALLÁCIOS, Jesus, MARCHESI, Álvaro (Orgs.) Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia na educação. Tradução Angélica Mello Alves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, vol.2. pg. 281-297.

DAVIS, Claudia Leme Ferreira. O construtivismo de Piaget e o sociointeracionismo de Vygotsky. In Seminário Internacional de Alfabetização e Educação Científica, 1993 Rio Grande do Sul. Anais: UNIJUÍ, 1993. pg. 35-52.

FACCI, Marida Gonçalves Dias / BRANDÃO, Sílvia Helena Altoé – A importância da mediação na educação especial: Contribuições da psicologia histórico-cultural, 2007. Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

FITTIPALDI, Claudia Bertoni – Revista Educação 2006, pg. 50 a 54 – CONCEITOS CENTRAIS DE VYGOTSKY: IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS.

LEV Vygotsky: o teórico do ensino como processo social. **Revista Nova Escola: Grandes Pensadores** (Ed. Especial). São Paulo: Editora Abril, n. 19, p. 92-94. jul. 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/lev-vygotsky-teorico-423354.shtml>>.

MARTINS, João Carlos – Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o mundo, 1993.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

SMOLKA, Ana Luiza e LAPLANE, Adriana Lia. Processos de cultura e internalização. **Viver Mente&Cérebro**, Coleção Memória da Pedagogia, n. 2: Liev Seminovich Vygotsky – Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto, 2005, p. 76-83.

SOUSA, Gabriela Maria Brabo – Avaliação Inicial do aluno com Deficiência Mental na perspectiva Inclusiva – Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007, Porto Alegre, BR-RS.

VYGOTSKY, L. S. a construção do pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Sites consultados:

<<http://daianematossestagio.pbworks.com/w/page/24596557/FrontPage>>.

<[http://peadportfolio164278.blogspot.com/..](http://peadportfolio164278.blogspot.com/)